

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Por

Vanessa do Nascimento Moraes

RA 72000852

Trabalho de Conclusão de Curso sob a Orientação da Profa. Ana Gabriella de Oliveira Sardinha apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, do Centro Universitário de Brasília.

Brasília, DF - 2024

TÍTULO

Dificuldades de Aprendizagem Específicas e o Transtorno do Espectro Autista: estratégias de intervenção psicopedagógica.

Resumo:

Neste trabalho, o objetivo é estudar e aprofundar o conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e abordar as Dificuldades de Aprendizagem Específica (DAEs), além de buscar estratégias de Intervenção Psicopedagógica. Observa-se que o Transtorno do Espectro Autista é de grande complexidade, e por esse motivo há uma necessidade significativa de ampliar o conhecimento sobre as DAEs no contexto do TEA, fornecendo meios e estratégias efetivas de intervenção psicopedagógica. Com a identificação e abordagem precoce das dificuldades, é possível criar um ambiente de aprendizagem mais adequado, contribuindo para a autonomia e qualidade de vida das pessoas com TEA. Trata-se de uma pesquisa realizada por meio de análise bibliográfica, na qual os autores discutem os pontos apresentados. A observação do objeto de estudo identifica que os meios de intervenção psicopedagógica surgem eficazmente para o desenvolvimento das crianças com TEA. Além disso, fatores como empatia também desempenham um papel significativo no processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chaves:

Transtorno do Espectro Autista (TEA); Dificuldades de Aprendizagem Específicas (DAEs); Psicopedagogia.

1. Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por dificuldades sociais, de comunicação e comportamentais em indivíduos que encontram desafios na interpretação do comportamento e da comunicação com os outros. Em 2013, a Associação Americana de Psiquiatria atualizou o diagnóstico de TEA, incluindo áreas de comprometimento: a comunicação social e interação, e os padrões de comportamento, interesses ou atividades restritivas e repetitivas (HUDSON, 2019 p.125).

Recentemente, CID-11, que é um documento da OMS que padroniza a linguagem médica em todo o mundo, relata que o Transtorno do Espectro Autista é caracterizado por déficits que persistem na habilidade de começar e manter relações sociais e comunicação recíprocas, além de uma série de padrões de comportamento, interesses ou atividades restritos, repetitivos e inflexíveis, que são atípicos ou excessivos para a idade e o contexto cultural a que o indivíduo pertence. Esses déficits são graves e causam prejuízos no desenvolvimento pessoal, familiar, social, educacional, ocupacional e em outras áreas. Além disso, eles são geralmente uma característica do funcionamento do indivíduo (OMS, 2024). Essas modificações no diagnóstico refletem a compreensão em constante evolução desse transtorno e a importância de uma abordagem mais abrangente na intervenção psicopedagógica.

Segundo CUNHA (*apud* LIMA, 2021, p.57), o TEA é caracterizado por diferentes níveis, manifestando-se durante a primeira infância, mas de acordo com a CID-11 o início do transtorno também pode se manifestar plenamente mais tarde, quando as demandas sociais ultrapassam as capacidades limitadas (OMS, 2024). É um transtorno com características complexas que, apesar de muitos estudos, ainda existe o desafio de encontrar um padrão que determine um diagnóstico assertivo, uma vez que as características variam de uma criança para outra, impossibilitando a definição de um perfil padrão. No entanto, o autor destaca que o autismo engloba a observação de tipos de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimento na comunicação, dificuldades na interação social e comportamentos restritos e repetitivos.

A Lei nº 12.764/2012, sobre os Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (BRASIL, 2012), no parágrafo 1º do artigo 1º, considera pessoa com Transtorno do Espectro Autista aquela que possui características clínicas de acordo com os incisos I e II:

- I - Deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;
- II - Padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos;

Nos últimos anos, houve uma evolução no entendimento do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas diferentes manifestações. Anteriormente, os indivíduos que apresentavam desenvolvimento acima da média e com alto padrão de funcionamento normal eram classificados como pessoas com Síndrome de Asperger, uma categoria separada dentro do espectro autista (HUDSON, 2019 p.126). No entanto, com o passar do tempo, a Síndrome de Asperger passou a ser considerada parte do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o termo síndrome caiu em desuso. Com a atualização da CID-11, a Síndrome de Asperger passou a ser compreendida como uma forma de autismo leve dentro do espectro autista (OMS, 2024).

Durante a década de 1990, a Organização Mundial da Saúde e a Associação Americana de Psiquiatria reconheceram a Síndrome de Asperger como um grupo distinto dentro do espectro autista. No entanto, atualmente, há uma crescente compreensão de que não há uma clara demarcação entre o TEA altamente funcional e a Síndrome de Asperger. Por esse motivo, essas categorias foram reagrupadas novamente (HUDSON, 2019 p.126).

O TEA, incluindo o nível 1 que antes era conhecido como Síndrome de Asperger, afeta cerca de 1 a 2% da população, independente do gênero, embora seja mais comumente identificado em meninos. Essa condição está associada a dificuldades na interpretação do comportamento e da comunicação dos outros, assim como desafios sociais (HUDSON, 2019, p.126). Essas mudanças no entendimento e diagnóstico refletem a constante evolução da compreensão do espectro autista e a

necessidade de uma abordagem mais abrangente e inclusiva no que diz respeito ao diagnóstico e tratamento.

As Dificuldades de Aprendizagem Específicas têm por definição uma dificuldade em uma área direcionada para a aprendizagem de uma criança, a qual desempenha um papel significativo em outras áreas. Essa condição geralmente ocorre em famílias e em todos os tipos de grupos raciais, sociais e econômicos (WORTHINGTON, 2003 *apud* HUDSON p.12).

Os indivíduos com dificuldades de aprendizagem específicas podem aprender uma série de estratégias de enfrentamento que os ajudam a assimilar e reter conhecimentos, realizar atividades avaliativas e se tornar adultos bem-sucedidos. Eles geralmente possuem talentos em outras áreas, que, se bem direcionados, têm um grande impacto na carreira escolhida (HUDSON, 2019, p.12).

Existem diferentes tipos de aprendizagem em que as informações recebidas passam por três canais principais: visual, auditivo e cinestésico. A maioria das pessoas possui um estilo de aprendizagem. No entanto, as lições mais bem-sucedidas são aquelas que são o mais multissensoriais possível. É importante ressaltar que os estudantes com DAEs podem apresentar desafios em realizar atividades que envolvam assimilação e memorização do conteúdo apresentado de uma única forma, portanto, é relevante utilizar várias abordagens e canais de aprendizagem para uma maior interação (HUDSON, 2019, p.16).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) não deve ser confundido com uma Dificuldade de Aprendizagem Específica (DAE). É importante destacar que o TEA é uma condição e que seu diagnóstico deve ser fornecido por médico e uma equipe multidisciplinar. No entanto, é crucial que a equipe escolar e o ambiente escolar esteja preparado para lidar com os distintos estilos de aprendizagem desses estudantes. A comunidade escolar deve se capacitar para fazer arranjos especiais durante provas e outras atividades, a fim de proporcionar um ambiente inclusivo e adequado para os estudantes com TEA (HUDSON, 2019, p 127). A condição TEA implica em possíveis dificuldades sociais e de comunicação, constrangimento na interação social e no discurso verbal, e preocupação com interesses restritos.

Um fato é que, os estudantes com Dificuldades de Aprendizagem Específicas (DAEs) são mais orientados pelo lado esquerdo do cérebro, preferindo atividades que envolvem fatos, lógica e ordem. Por outro lado, estudantes com dislexia, por exemplo, são mais orientados pelo lado direito, sendo mais criativos e imaginativos. Isso destaca a importância de métodos variados de ensino (HUDSON, 2019, p.15).

A Psicopedagogia é uma área que atua em diversos espaços, tanto escolares quanto não escolares, como escolas, clínicas e até hospitais. Ela surge da necessidade de desenvolver estudos no campo da aprendizagem, especialmente diante da universalização da educação básica nos últimos

anos. A psicopedagogia desempenha um papel fundamental no conhecimento do outro, auxiliando-o a superar desafios e vencer problemas de aprendizagem (CAMPAGNOLO; MARQUEZAN, 2019).

Dentro do ambiente escolar, o psicopedagogo exerce a mediação na relação entre estudante e professor. Seu papel é observar e avaliar o que acontece no ambiente escolar, não com o objetivo de julgar ou apontar erros, mas sim de levantar metodologias e práticas pedagógicas, visando à prevenção de problemas, transtornos ou dificuldades de aprendizagem (CAMPAGNOLO; MARQUEZAN, 2019).

O objetivo deste trabalho é explorar as DAEs no contexto do TEA e discutir estratégias de intervenção psicopedagógica que possam auxiliar na superação dessas dificuldades e no desenvolvimento das habilidades de aprendizagem desses indivíduos.

O problema de pesquisa abordado neste trabalho é a relação entre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e as Dificuldades de Aprendizagem Específicas (DAEs). As DAEs no TEA representam um desafio tanto para os indivíduos com dificuldades quanto para os profissionais envolvidos na área da educação. Compreender e abordar adequadamente essas dificuldades é fundamental para possibilitar uma educação inclusiva e garantir o acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento pleno das potencialidades dos indivíduos com TEA.

A relevância deste tema reside na necessidade de ampliar o conhecimento sobre as DAEs no contexto do TEA e fornecer diretrizes e estratégias efetivas de intervenção psicopedagógica. Ao identificar e abordar precocemente essas dificuldades, é possível criar um ambiente de aprendizagem mais adequado e promover o desenvolvimento de habilidades específicas, contribuindo para a autonomia e a qualidade de vida dos indivíduos com TEA.

Neste trabalho, serão discutidas as principais dificuldades de aprendizagem enfrentadas por indivíduos com TEA, bem como estratégias de intervenção psicopedagógica que têm se mostrado eficazes na promoção do seu desenvolvimento. A partir dessa análise, espera-se contribuir para a formação de profissionais e para a construção de práticas pedagógicas inclusivas e de qualidade no contexto do TEA.

2. Fundamentação Teórica

No livro "Autismo e Inclusão: Psicopedagogia e Práticas Educativas na Escola e na Família", são abordados os caminhos que devem ser desenvolvidos com estudantes autistas, com foco na concentração, coordenação motora, comunicação e linguagem. É necessário adquirir habilidades comunicativas por meio da compreensão da linguagem e utilizar recursos com diferentes meios de comunicação. É importante trabalhar a capacidade de superar a frustração e a irritabilidade que podem surgir das dificuldades de comunicação, estimulando a memória visual e a atenção. As atividades

psicopedagógicas são fundamentais para o desenvolvimento dessas competências (LIMA, 2021, p.58).

O autor Eugênio Cunha, doutor em Educação, psicopedagogo e professor do ensino superior, destaca a importância de um currículo voltado para práticas pedagógicas que auxiliem na inclusão escolar e social do estudante autista, por meio de uma parceria coletiva que combata concepções errôneas de déficit e patologização (LIMA, 2021, p.57).

Cunha (2022), destaca que as manifestações do autismo podem variar significativamente de acordo com o estágio de desenvolvimento e a idade cronológica do indivíduo. Enquanto Ferrari (*apud* CUNHA, 2022, p.26) ressalta que testes de QI podem revelar heterogeneidade e resultados diversos, mesmo quando aplicados na mesma criança. Algumas crianças, apesar de apresentarem déficit cognitivo, demonstram habilidades surpreendentes em outras áreas.

O comprometimento de múltiplos comportamentos não verbais, como dificuldade de contato visual, expressão facial, postura e linguagem corporal, é comum em casos de autismo. Em alguns casos, também é recorrente o atraso ou ausência completa do desenvolvimento da fala. Há a possibilidade de dificuldade para iniciar ou manter uma conversa, juntamente com a ocorrência de ecolalia, que é a repetição de palavras ou frases (CUNHA, 2022, p. 27).

No livro “Dificuldades específicas de aprendizagem: Ideias práticas para trabalhar com: dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de Asperger e TOC”, a identificação de um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser expressa através de comportamentos específicos. Essas crianças podem apresentar comportamentos atípicos e, em alguns casos, socialmente isoladas. Elas também podem se comunicar de maneira específica e singular. É possível que esses estudantes demonstrem uma preferência por temas específicos e tenham discussões focadas nos detalhes dos mesmos. Também é comum que apresentem uma opinião inflexível, dificuldades de mudanças e preferem trabalhar sozinhos (HUDSON, 2019, p. 127).

A autora Diana Hudson, professora de estudantes com dificuldades de aprendizagem específicas, assessora em escolas e ex-presidente da organização SENCo (*Special Educational Needs Coordinator*) destaca que o estudante com TEA tem preferência por rotina, quadros de horário e ordem. Eles demonstram clareza na organização de itens, utilizam canetas coloridas e outros materiais, e são afetados quando há mudanças nesse padrão. Os movimentos corporais comuns e repetitivos podem se tornar mais evidentes em situações de estresse (HUDSON, 2019, p. 130).

No ambiente escolar, é fundamental oferecer uma atenção especial aos estudantes com TEA. Hudson (2019) destaca a importância de um mentor adulto destinado ao acompanhamento do estudante. Esse estudante deve ter encontros diários com o mentor, que tem por papel ajudá-lo a superar as dificuldades ou desafios do dia a dia da realidade escolar. É crucial que a escola saiba a

quem recorrer em caso de emergência, disponibilizando uma sala ou espaço silencioso, caso seja essencial que o estudante fique um momento sozinho (HUDSON, 2019. p. 134).

Na sala de aula, é enriquecedor ensinar estudantes com TEA, pois a dinâmica é única. Eles permanecerão atentos e comunicarão caso algo saia do comum. A clareza no discurso e nas instruções é essencial, uma vez que esses estudantes podem apresentar desafios no que se refere à informações implícitas. Portanto, a clareza e objetividade são fundamentais, sendo necessário ser explícito (HUDSON, 2019. p. 135).

A ajuda individual é um ponto crucial para a orientação e apoio de um estudante com TEA, caso essa demanda seja necessária. O mentor pode orientá-lo na interpretação das expectativas da escola, agir como intermediário para uma efetiva comunicação com os professores e ajudar a manter a autoestima do estudante, elogiando suas conquistas e oferecendo incentivos. É importante estar alerta a sinais de depressão, alterações de comportamento, bullying, entre outros (HUDSON, 2019, p. 144).

Indivíduos com TEA podem enfrentar dificuldades na comunicação e interação social, podendo variar o nível de comprometimento de leve a severo. Eles tendem a considerar as expressões de outros indivíduos confusas e veem a interação social como cansativa. Em relação à sinceridade, podem ser leais, porém, devido à dificuldade de estabelecer relações, podem ser rejeitados e intimidados por outras pessoas (HUDSON, 2019, p. 145).

A Psicopedagogia busca compreender as etapas de aquisição do conhecimento, a fim de identificar as possíveis dificuldades enfrentadas pelos estudantes nesse processo. Para tanto, a psicopedagogia se apoia em diversas ciências, como a psicologia, psicanálise, filosofia e sociologia. A observação é fundamental como primeiro passo, seguida pelo entendimento, prevenção, atuação e intervenção (CUNHA, 2022, p.104).

Observa-se que o referencial teórico da psicopedagogia está voltado para diversas áreas multidisciplinares, todas centradas na capacidade cognitiva do estudante. No ambiente escolar, é essencial incentivar os estudantes a desenvolver suas próprias potencialidades cognitivas, ao passo que a escola deve oferecer oportunidades de aprendizagem. Fonseca (2008) relaciona a educação cognitiva à capacidade de aprender e resolver problemas (*apud* CUNHA, 2022, p.109).

A intervenção psicopedagógica é de extrema importância no contexto do Transtorno do Espectro Autista. Observa-se que a família, em particular os pais ou adultos, desempenham um papel crucial ao intervir e introduzir a criança ao mundo, transmitindo os primeiros hábitos, valores, leis e normas. Dessa forma, a personalidade da criança é sempre influenciada pela presença familiar, de maneira real ou imaginária. No entanto, a natureza dessa mediação pode ser positiva ou negativa, dependendo da dinâmica familiar (SOUZA, 1998, p.114).

A escola, em conjunto com os professores, desempenha um papel fundamental nesse processo de mediação, pois tem a responsabilidade de integrar o indivíduo na sociedade de forma abrangente, além de ensinar conteúdos, auxiliá-los no processo de aprendizagem e no desenvolvimento da inteligência e dos afetos. Independentemente do método utilizado, a escola é responsável pela intervenção, com foco central e primordial na aprendizagem que será aplicada no mundo social em que a criança está inserida (SOUZA, 1998, p.114).

Fica evidente a complexidade e a diversidade de manifestações do Transtorno do Espectro Autista (TEA), bem como a importância da intervenção psicopedagógica e da parceria coletiva para promover a inclusão escolar e social dos estudantes autistas. A compreensão das necessidades comunicativas, o estímulo à superação de desafios e a valorização das potencialidades individuais desses estudantes tornam-se aspectos fundamentais no processo educativo. A atenção especial, a clareza nas instruções, as adaptações necessárias e o apoio individualizado demonstram a importância de um ambiente escolar inclusivo e acolhedor. Nesse sentido, a psicopedagogia se mostra como uma abordagem multidisciplinar essencial, que busca compreender as dificuldades específicas de aprendizagem e promover a integração e o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes com TEA. A parceria entre família, escola e profissionais da educação revela-se crucial para proporcionar um ambiente favorável ao crescimento e à realização pessoal de cada estudante, independentemente das suas particularidades.

3. Método

A pesquisa foi conduzida por meio de uma análise bibliográfica, com base nos seguintes livros selecionados:



Figura 01: Referências da pesquisa bibliográfica.

Esses recursos foram fundamentais para discorrer sobre o tema das Dificuldades de Aprendizagem Específicas e o Transtorno do Espectro Autista, com foco em intervenções psicopedagógicas, ver figura 01. O trabalho aborda o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a realidade das crianças que vivem dentro desse espectro, visando oferecer orientações psicopedagógicas, explorar o papel do psicopedagogo e os recursos que orientam os profissionais da educação, especialmente os professores, no apoio a esses estudantes e no direcionamento de seus processos de aprendizagem.

As dificuldades de aprendizagem específicas não são determinantes dentro do espectro, e o trabalho destaca a importância de buscar nas potencialidades e capacidades individuais formas e metodologias de aprendizagem que atendam a cada particularidade, permitindo que todas as crianças expressem seus dons e desenvolvam habilidades de interesse que contribuam para o convívio social.

Esta abordagem foi embasada nas informações diretas, acessíveis e práticas oferecidas pelos autores dos livros selecionados, proporcionando uma visão abrangente das dificuldades de aprendizagem mais comuns e estratégias de ação relacionadas especificamente a esses estudantes.

4. Resultados

Hudson (2019) cita algumas ideias práticas para auxiliar crianças autistas em sala de aula. A melhor forma de abordagem se dá pela clareza nas instruções e na fala. O uso de frases curtas é um ponto importante para a compreensão, já que as expressões faciais e a linguagem corporal podem não ser assimiladas. É necessário evitar expressões idiomáticas, como por exemplo: “andar na linha”, pois a interpretação será literal (HUDSON, 2019, p. 136).

Na sala de aula, a rotina deve ser clara, e a forma de começar as aulas deve estabelecer um padrão, o que implicará na organização e disciplina de todos, trazendo segurança para os estudantes com TEA. Gerar a possibilidade do estudante se sentar no mesmo lugar pode proporcionar maior segurança. O final de uma fileira pode ser a melhor opção, para que o estudante não seja confinado por outros (HUDSON, 2019, p. 136).

Ao realizar trabalhos, deve-se dizer quando começar, sendo fundamental explicitar quando se tratar de um exercício de aula, juntamente com a atualização do tempo, informando quanto tempo resta para a conclusão. Em algumas ocasiões, o estudante com TEA pode precisar de um espaço para realizar algo de seu interesse especial. Ele verá nessas oportunidades uma maneira de brilhar (HUDSON, 2019, p. 137).

Com base em alguns estudos, fatores externos não influenciam a origem do autismo, mas podem fortalecer as condições. Diante disso, a Terapia Comportamental (TC) tem grande valor na busca de inibir comportamentos inadequados, dentre eles: a estereotipia, a hiperatividade e a

autoagressão. Algumas técnicas podem ajudar de forma significativa no ambiente familiar e escolar (CUNHA, 2022, p. 71) .

O Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Distúrbios Correlatos da Comunicação (TEACCH) teve seu desenvolvimento na década de 1960, nos Estados Unidos. É aplicado através de avaliações com base nos pontos fortes e de dificuldades da pessoa de forma individual. Ele tem como foco o alcance da independência da pessoa com autismo, de modo que ele conte com o auxílio do docente, mas consiga fazer suas atividades diárias. Uma de suas bases é a organização do ambiente físico por meio de rotinas para que o autista compreenda e assimile também o que se espera dele (CUNHA, 2022, p. 73).

A Análise Aplicada ao Comportamento (ABA) é uma técnica originária do Behaviorismo, que tem como meta a observação, análise e explicação do ambiente, a forma de se comportar do homem e da aprendizagem. A sua visão está focada na mudança de comportamento mais específica do que global. O método ABA visa ensinar para a pessoa com autismo habilidades que ela ainda não possui por meio de etapas que com todo o cuidado são registradas (CUNHA, 2022, p. 74).

O Sistema de Comunicação Mediante a Troca de Figuras (PECS) tem como objetivo o desenvolvimento no caso de autistas com pouca eficiência na comunicação, buscando o estímulo da comunicação com a utilização de figuras. Pelo fato deste método implicar apenas o uso de cartões, acaba tendo um alto custo, mas pode ser aplicado em qualquer lugar na organização de linguagem verbal e não verbal de indivíduos que não falam (CUNHA, 2022, p. 75) .

No caso do Son-Rise, o programa é voltado para ir de encontro com a pessoa autista, envolve a interação espontânea e o relacionamento social. A interação se dá com base nos afetos, identificando como a pessoa precisa ser amada e planejada, levando em consideração a realidade do ser, chegando finalmente a uma interação e comunicação social. Tendo como base para a educação os afetos de quem aprende e não dos conceitos de quem ensina (CUNHA, 2022, p. 75-76). Estes métodos, juntamente com outras estratégias de intervenção, desempenham um papel significativo no tratamento e apoio de indivíduos com autismo, fornecendo informações valiosas sobre como abordar e ajudar aqueles com TEA.

Souza (1998) propõe algumas ideias práticas de intervenção psicopedagógicas. Atividades como brincadeiras, jogos incluindo regras e dramatizações, são de suma importância, de modo que possam ocorrer dentro e fora da realidade escolar. Assim será possível o estímulo de afetos, e o desenvolvimento de expressão da personalidade da criança com ou sem dificuldades de aprendizagem (SOUZA, 1998, p. 123).

É necessário pesquisar instrumentos que auxiliem nesse processo de aprendizagem de crianças com TEA, mas também naquilo que se refere à inteligência e afetividade. Possibilitando meios de

preencher as lacunas de aprendizagem que ficam quando os conteúdos são transmitidos, o que é fundamental se o problema em questão for de cunho pedagógico (SOUZA, 1998, p. 123).

4.1 Discussão

As capacidades sensoriais, espaciais e de simbolização podem orientar a forma de lidar com estudantes autistas. Por exemplo, no âmbito sensorial, é necessário buscar um ambiente mais equilibrado, com o mínimo de barulho possível, devido à sensibilidade auditiva marcante em crianças e adolescentes autistas. Em relação à capacidade espacial, devido à específica fragmentação visual, a habilidade espacial torna-se limitada, e, por fim, o autista não percebe a função de muitos objetos, criando formas particulares de se relacionar com o mundo exterior (CUNHA, 2022, p. 36-37).

A compreensão de uma criança autista sobre o que o outro pensa, dos sentimentos, expressões de tristeza, amor ou percepção da subjetividade dos atos torna-se de forma demasiada complexa no autismo. Por não conhecer algumas formas ou expressões de afeto, pode provocar isolamento, já que a compreensão é extremamente literal (CUNHA, 2022, p. 39-40).

Para que haja entendimento, é necessário explicar o que representa as expressões que sentimos. A promoção de atividades por meio do docente é de suma importância para que situações subjetivas e simbólicas do dia a dia sejam compreensíveis. Ao ensinar, é necessário que os comandos sejam diretos e as palavras claras. Certa vez, uma mãe falou para o filho autista antes de dormir: “Vamos orar para que Jesus nos guarde”, e a criança perguntou: “Guardar aonde?” (CUNHA, 2022, p. 40).

Na linguagem, é comum que haja ecolalia, podendo ser imediata ou posterior. Autores como Baptista e Bossa (2002 *apud* CUNHA, 2022) dizem que a ecolalia no autista está ligada à comunicação, sendo relacionada a atos de fala, mas a reprodução também se dá pela falta de compreensão do que se ouve. Outros autores relacionam-se com a ecolalia à dificuldade de linguagem espontânea. Algumas formas de ajuda são chamar a criança pelo nome, falar de maneira suave e clara e contato direto com a criança (CUNHA, 2022, p. 42)

Acerca da cognição, Piaget diz que conhecer é interagir (*apud* CUNHA, 2022), com a relação humana, em base aos nossos processos de desenvolvimento, são ampliadas a capacidade de interação dessas relações que tanto influenciam como sofrem influência na cognição. No autismo, há alguns prejuízos nesses processos cognitivos, mas que podem ser supridos em campos específicos, manifestando-se na pintura, no desenho, na música e nos cálculos (CUNHA, 2022, p.43).

No caso de hiperatividade, sob orientação de um especialista, é de suma importância verificar os fatores relacionados à nutrição, que abordam o quadro relacionado à hiperatividade. Com uma boa

orientação nutricional, é possível que o autista se desenvolva melhor no trabalho, juntamente com a rotina própria da escola, auxiliando-o nos comportamentos problemáticos, o avanço se dá de maneira mais assertiva (CUNHA, 2022, p.44).

As estereotípias são características marcantes para o autista, e o controle dessas estereotípias é feito de maneira bem delicada e com muita observação. Servindo como um mecanismo de defesa e expressão, elas vão apresentar emoções, tristezas, alegrias, frustrações, ansiedades, trazendo retrocesso nas habilidades que já foram adquiridas. Com cuidado, elas podem ser eliminadas. Existe um caso em que o estudante as inibiu pela simples imitação, tentando concordar com quem o imitava (CUNHA, 2022, p.45).

Na psicomotricidade, o autista tem prejuízo nas áreas da melhoria motora fina, na melhoria visório-motora, na fala, no equilíbrio do corpo e na lateralidade. Nesse sentido, o docente terá grande importância, juntamente com materiais pedagógicos que ajudam no raciocínio e nos movimentos, estimulando assim o desenvolvimento motor fino. Atividades lúdicas também são recomendadas para o trabalho do equilíbrio (CUNHA, 2022, p.47).

A socialização é essencial para promover uma convivência saudável, em colaboração com os professores, apoiando as crianças autistas a permanecerem e participarem de atividades em grupo. Auxiliando na compreensão das relações sociais, incentivando a cordialidade, amizade e companheirismo. É fundamental trazer afeto para a sala de aula, direcionando as emoções do estudante para suas experiências de aprendizagem (CUNHA, 2022. p.48-49).

5. Conclusão

Dessa maneira, é evidente a necessidade de uma abordagem empática em relação às crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista), fundamentada na formação e capacitação dos educadores. Um ambiente escolar capacitado para acolher as diferentes manifestações comportamentais e preferências de estilo de aprendizagem das crianças com TEA é de extrema importância. A comunidade escolar deve estar preparada para realizar adaptações durante provas e outras atividades, visando proporcionar um ambiente inclusivo e adequado para todos os estudantes.

Diante disso, é crucial ressaltar o papel da intervenção psicopedagógica no contexto do Transtorno do Espectro Autista, assim como o papel fundamental da família, em especial dos pais ou adultos, na intervenção e na integração da criança na sociedade. Os primeiros hábitos, valores, leis e normas são transmitidos pela família, influenciando a personalidade da criança de maneira significativa.

Portanto, a complexidade e diversidade do TEA são evidentes, assim como a importância da intervenção psicopedagógica e da colaboração para promover a inclusão escolar e social desses estudantes. Com base nas referências apresentadas neste trabalho, foi possível compreender melhor o mundo de uma criança autista e identificar os meios para promover seu alcance e desenvolvimento educacional.

Conclui-se que as estratégias de intervenção psicopedagógica emergem como um meio eficaz para o desenvolvimento das crianças com TEA. Além disso, fatores como empatia também desempenham um papel crucial no processo de ensino e aprendizagem. É fundamental que os educadores estejam atentos às emoções e subjetividade de cada criança, promovendo um ambiente acolhedor e inclusivo.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2022.

HUDSON, Diana. **Dificuldades específicas de aprendizagem: Ideias práticas para trabalhar com: dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de Asperger e TOC**. Editora Vozes, 2019.

LIMA, Merianne da Silva. Inclusão e Autismo: contribuições da Psicopedagogia. **Cadernos do Aplicação**, v. 34, n. 2, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/111349/64658> Acesso em: 13 mar. 2023.

Organização Mundial da Saúde (OMS). **11ª Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde: CID-11 para Estatísticas de Mortalidade e Morbidade**. Versão pt-BR: janeiro de 2024. Disponível em: <https://icd.who.int/browse/2024-01/mms/pt#437815624>. Acesso em: 25 jun. 2024.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho. Intervenção psicopedagógica: como e o que planejar? In: **Atuação Psicopedagógica e aprendizagem escolar**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.